

A101525-1

Instituto Jones dos Santos Neves  
Biblioteca

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES  
BIBLIOTECA

# Concurso de Artigos Convento da Penha 450 anos



Este Caderno Especial contém os três textos vencedores do Concurso de Artigos em homenagem aos 450 anos do Convento da Penha.



Patrocínio Master:

Secretaria  
de Turismo



Patrocínio:



Iniciativa:



## Um projeto vencedor

Neste Caderno Especial, você verá publicados os textos vencedores do Concurso de Artigos Convento da Penha 450 anos: Fé, História e Identidade do Espírito Santo. O concurso fez parte dos projetos promocionais alusivos ao jubileu de aniversário do nosso maior patrimônio religioso, histórico e cultural. Foi aberto a todos os moradores do Estado e recebeu mais de meia centena de artigos, vindos de diversas cidades.

Um júri formado por cinco especialistas, após rigoroso julgamento, escolheu os três melhores, avaliando critérios como qualidade literária, criatividade e pertinência com o tema. O Caderno é ainda ilustrado com as dez 10 fotografias finalistas do Concurso Fotográfico Convento da Penha 450 anos, que enchem de beleza e dão um colorido todo especial à publicação. O resgate do passado, as homenagens do presente e a projeção do futuro do Convento da Penha fazem parte da mesma história: a história da construção da identidade capixaba. Nesse sentido, o Caderno que você vai ler agora é mais um elo a fortalecer essa corrente de união em torno do monumento que, há quatro séculos e meio, do alto do morro, contempla um Estado cada dia mais abençoado.

Aos participantes do Concurso de Artigos, nosso muito obrigado. Aos vencedores, nossos parabéns. A todos, uma boa leitura.

A Coordenação



Os prêmios foram entregues no último dia 7, na Rede Gazeta

# Eles investiram na história e venceram o concurso literário

**A** premiação dos vencedores do concurso literário sobre os 450 anos do Convento da Penha, maior centro de peregrinação e turismo religioso do Estado, ocorrida no dia 4 de abril, na sede da Rede Gazeta, serviu para unir gerações e diferentes percepções sobre a importância daquele santuário para o Espírito Santo.

José Pontes Schayder, de Cachoeiro de Itapemirim, conquistou o primeiro lugar no concurso de artigos e teve o desafio de escrever como motivação. “O desafio de escrever um artigo sobre um tema capixaba é sempre motivador”, disse Schayder, que é professor de História.

### HISTÓRIA E FÉ

Seu artigo, intitulado “Convento da Penha: costurando o tempo, unindo gerações”, retrata a história do monumento, como também a fé popular. Schayder, que já publicou um livro sobre a história do Espírito Santo, em 2002, no momento está preparando uma publicação com ensaios sobre a história local.

“O concurso sobre os 450 anos do Convento da Penha é motivador também pela oportunidade de se ter um texto publicado e reconhecido no Estado”, comentou o vencedor, que reve-

lou ter na história do Espírito Santo uma de suas paixões.

Para o segundo colocado, Estilague Ferreira dos Santos, o artigo “Frei Pedro Palácios, o Convento da Arábia e as origens do culto à Nossa Senhora da Penha”, representou uma reflexão sobre o tema, com a busca das raízes do culto à Nossa Senhora da Penha.

“O Convento da Penha é um importante símbolo da identidade e da cultura capixaba. O concurso foi uma oportunidade de refletirmos sobre o culto ao convento, sua história e a atual sociedade”, disse Estilague, que é morador de Vila Velha e professor de História da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

“Nosso olhar convive diariamente com o Convento da Penha, mas, devido à pressa do dia-a-dia, não paramos para refletir e pensar sobre sua importância e história”, complementou o professor.

### VALORIZAÇÃO DAS COISAS DA TERRA

O terceiro colocado, Fernando Henrique Cruz de Andrade, engenheiro e morador de Vitória, participou do concurso com o artigo “Uma vida em sete voltas”. “Foi a primeira vez que participei

de um concurso literário e considero uma iniciativa importante para valorizar as coisas da terra”, disse Fernando, que é natural de Salvador (BA).

“Estou morando em Vitória há 15 anos e aprendi a gostar das coisas da terra. Ao meu ver, o concurso serviu para valorizar ainda mais as belezas da cidade”, concluiu.

A cerimônia de premiação contou com a participação dos organizadores e patrocinadores do concurso. Os prêmios foram de R\$ 4.173,00 ao primeiro colocado; R\$ 2.723,00 ao segundo e R\$ 1.905,00 ao terceiro lugar.

### ESTÍMULO

A gerente do Núcleo de Conteúdo da Premium Marketing Profissional, Roberta Moura, falou sobre a importância da realização dos dois concursos, que ela considera “muito importantes para a preservação da história religiosa do Estado e para a própria cultura do Espírito Santo”.

Segundo ainda Roberta Moura, os concursos também servem para estimular outros setores culturais capixabas, estudantes e o público em geral, a se preocupar com as coisas da terra. “Temos um Estado rico em história e ainda há muita coisa para se levantar sobre o Espírito Santo e sua gente”, finalizou.

## EXPEDIENTE

### Rede Gazeta

#### Diretor-Geral

Carlos Fernando Monteiro  
Lindenberg Neto

#### Diretor de Mídia Eletrônica

Carlos Canelas Magalhães

#### Diretor Executivo da Premium Marketing Promocional

Álvaro Moura

#### Diretor de Telejornalismo

Abdo Chequer

#### Diretor Comercial da TV Gazeta

Fábio Enrico Cabral Ruschi

#### Gerente de Programação da TV Gazeta

Ricardo Alonso

#### Gerente do Núcleo de Conteúdo

Roberta Moura

#### Diretor UEN Jornal

Denis de Oliveira Neves

### Diretor Comercial Jornais

Márcio Chagas

#### Coordenador de Cadernos Especiais

José Carlos Correa

#### Editor de Cadernos Especiais

Paulo Maia

#### Diagramação

Alessandra Moreira Leite

### Mitra-Arquidiocesana de Vitória

#### Arcebispo Metropolitano de Vitória

Dom Luiz Mancilha Vilela

#### Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Vitória do ES

Dom Mário Marquez

#### Guardião do Convento da Penha

Frei Bertolino Tholl

# Primeiro Lugar

JOSÉ PONTES SCHAYDER

## “Convento da Penha: costurando o tempo, unindo gerações”

CADERNO ESPECIAL

■ ■ “... as gerações passadas, acesas no fogo sagrado da Fé, erguiam maravilhas como a do convento de N. S. da Penha, templo que há três séculos afronta o tempo, as tempestades e os furacões, e, sólido como o granito que lhe serve de base, promete dar ainda testemunho a muitas gerações...”

*Costa Pereira Júnior, presidente provincial do ES, 1861 (1).*

2008: ano 450 depois do Convento. É um marco no tempo e o momento propício para celebrar, festejar e refletir. Afinal, para um povo, o povo espírito-santense, o Convento da Penha reúne, em si, uma trindade de representações: é um monumento religioso, um documento histórico e um símbolo distintivo. Pelas mensagens que transmitiu, no trajeto de seus quatro séculos e meio de existência, múltiplas impressões a seu respeito ficaram registradas no imaginário capixaba e brasileiro.

Na franciscana e seminal edição de sua História do Brasil de 1627, frei Vicente do Salvador escreveu que o Convento da Penha era “uma das maravilhas do mundo” (2). Tal opinião, possivelmente, influenciou classificá-lo, no fim dos oitocentos, como “o mais admirável monumento da América portuguesa” (3) e, no século passado, sustentou a tese de Luiz Serafim Derenzi, que, no clássico Biografia de uma Ilha, utilizou-se do Convento como metáfora, quando o elevou à condição de ser “a mais duradoura obra da arquitetura física e moral do Brasil-colônia” (4). Pesquisadores da linhagem de Eurípedes Queiróz do Valle e Maria Stela de Novaes o transformaram, para além de uma “reliquia histórica” (5), no “relicário de um povo” (6), o que pode ter induzido um outro estudioso, Alceu Aleixo, em Histórias da História Capixaba, a afirmar ser aquele edifício, na instância terrena, a “sentinela avançada da fé espírito-santense” (7).

Frei Venâncio Willeke, que foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no ano de seu falecimento, 1978, opinou, em A GAZETA, que o Convento da Penha, esse “arrojado conjunto arquitetônico”, é “único no Brasil” e que sua “posição topográfica (...) lembra os vetustos e soberbos castelos medievais da Europa” (8). Impressão semelhante teve o escritor carioca Alexei Bueno que, ao descrever As 100 mais belas edificações do Brasil, esclareceu que o Convento da Penha, “esse venerável monumento, tem a característica, quase inexistente entre nós, dos mosteiros acastelados construídos em alturas de difícil acesso”, típica da época medieval europeia (9). É sabido que, no Velho Mundo, nesses mosteiros – ou conventos – alguns homens piedosos, os eremitas, renunciavam ao conforto e aos prazeres terrenos e isolavam-se para levar uma vida austera, simples, dedicada à devoção e meditação religiosa. No Espírito Santo, o movimento do eremitismo foi introduzido por frei Pedro Palácios, frade natural de Castela, na Espanha, membro da

Ordem de São Francisco, que aportou em território capixaba em 1558. Nessa data é importante registrar, contavam-se apenas 23 anos da chegada de dom Vasco Fernandes Coutinho, primeiro donatário da então Capitania do Espírito Santo – transcorriam, portanto, naquele momento, os episódios fundantes da colonização do solo espírito-santense.

Instalando-se no “vilão farto” de Vasco Fernandes Coutinho, o ermitão Pedro Palácios passou a viver em uma gruta incrustada próxima à praia, no sopé do rochedo da penha, na atual Vila Velha. No ano de sua chegada, 1558, construiu, numa pequena esplanada situada próxima ao topo da montanha, uma capela rústica (ermida) entre duas palmeiras, que dedicou a São Francisco de Assis, patrono de sua confraria. Sem total consciência da dimensão que sua obra tomaria no futuro, o frei, tendo levantado a Ermida das Palmeiras, protagonizara o evento-fundador do Convento da Penha, erguido no cume da formação granítica a uma altitude de 154 metros, o que, segundo o jesuíta Serafim Leite, possibilitava avistá-lo de longe, no mar, tornando-o “refrigério e devoção de mareantes” (10).

O gesto heróico de frei Pedro Palácios, “homem de vida exemplar”, no conceito de Pe. José de Anchieta (11), virou mito e atravessou a linha imaginária do tempo histórico. No século XIX, no Brasil imperial, a magnitude do Convento da Penha deixou perplexo o presidente da província do Espírito Santo, o carioca José Pereira Júnior. Em relatório apresentado

aos deputados provinciais, em 1861, tentou compreender como teria sido possível a “um pobre frade, habitante de uma humilde e escura caverna, auxiliado por uma população pouco numerosa, pobre de artistas e de operários, (...) erguer no alto de um monte e sobre rocha descavada, um templo que há 3 séculos

afronta o tempo e os furacões”. Aquela “obra admirável”, segundo pôde apurar o presidente provincial, só poderia ser o resultado do “poder irresistível” da fé porque “a fé abala montanhas, como diz a Escritura” (12).

Entretanto, o já citado frei Venâncio Willeke detectou fortes indícios de que “surgiram, no decorrer dos tempos, numerosas lendas” sobre a vida e a obra de frei Pedro Palácios. Por isso, e sem duvidar da boa fé do seu confrade, o frei Willeke se propôs, em 1974, a “fazer um estudo crítico” sobre a construção do Convento da Penha, a fim de “separar lendas e fatos reais”. Nesse estudo, concluiu que “o santuário de Nossa Senhora da Penha, que estava prestes a ser terminado quando frei Pedro morreu (1570), restringia-se à atual capela-mor” (13). Logo, para formar o Convento, foi acrescentada àquela capela-matriz, a sacristia, a nave da igreja e as celas dos frades, “vindo a adquirir a forma que tem hoje nas últimas décadas do século XVIII”, informa, em 1998, significativa pesquisa historiográfica

AUTOR - NAIÓ REZENDE NUNES



“A PROMESSA”.  
Fotografia classificada em 1º lugar no Concurso Fotográfico Convento da Penha 450 Anos.

fica de Nara Saletto (14). Por isso é que, nos apontamentos eclesiásticos de D. José Caetano da Silva Coutinho, bispo-visitador do Espírito Santo em 1812, o complexo arquitetônico que compõe o Convento da Penha já é descrito como “célebre santuário” (15) e, poucas décadas depois, como vimos, provocou espanto e admiração no presidente Costa Pereira Júnior. Mas não só nele, haja vista que, em 1970, um de nossos contemporâneos, o arquiteto Moacir Fraga, usou a expressão “majestoso santuário” para falar da “imponente edificação religiosa” (16).

O elevado convento, construído como se fosse uma fortaleza militar na entrada da Baía de Vitória, exerceu realmente a função de defesa na história capixaba, fato que, em 1851, não passou despercebido a Edward Wilberforce, aspirante a oficial da Marinha inglesa. Naquele ano, ele veio ao Brasil reprimir o contrabando de escravos em nome da Rainha Vitória e do imperialismo inglês, e, ao passar pelo litoral do Espírito Santo, deduziu e anotou em versos, no seu diário, que aquele “velho edifício” (SIC), erguido “no cume, entre rochedos eretos (...) / deve ter desafiado os mais violentos embates da tempestade / ou as mãos presunçosas do inimigo” (17). Na verdade, muito antes que Mr. Wilberforce tivesse essas “impressões” sobre o Convento, já era recorrente, no imaginário e nas mentalidades locais, a certeza de que aquele “velho edifício” tinha ajudado os espírito-santenses a combater e a vencer inimigos visíveis e invisíveis. Recordemos que na Era Moderna – século XVI ao XVIII – predominava, na sociedade, uma profunda espiritualidade, apesar do avanço da Razão e da Ciência ocorrido no período. Para o historiador inglês Charles Boxer, essa “era uma época em que o maravilhoso era aceito como vulgar e que nenhum bom católico romano duvidava que Deus, a Virgem Maria e os Santos podiam e queriam intervir na vida quotidiana” (18). Se não fosse assim, como explicar a crença popular na “força autônoma” adquirida pelo painel de Nossa Senhora das Alegrias, trazido da Europa por frei Pedro Palácios? Conta-se que o painel simplesmente desaparecia da gruta onde o frei morava e, misteriosamente, reaparecia no alto do rochedo da penha, “sinalizando” o local onde o santuário mariano deveria ser construído (19). Narra-se, ainda, a triunfal intervenção de Deus na história capixaba, em 1640, quando, acredita-se, uma Cavalaria Celestial desceu das nuvens, transfigurou-se no alto do Convento da Penha e os cavaleiros, portando “armas reluzentes e guiados por anjos de asas luminosas”, expulsaram os piratas holandeses que vieram profanar e saquear o santuário (20). Esse episódio do duelo de Deus contra os “batavos hereses” foi retratado pelo artista plástico paulista Benedito Calixto, que eternizou também, em suas pinturas, a procissão da imagem de Nossa Senhora da Penha até a igreja de São Francisco, em Vitória; o ato litúrgico, diz a tradição, encerrou uma “terrível seca que assolava a capitania”, resultando no que ficou conhecido como o Milagre da Chuva de 1709 (21).

Todos esses relatos, tidos freqüentemente como fantásticos e lendários na concepção dos céticos, são perfeitamente factíveis para quem tem fé. Ao estudioso deve interessar saber que o crédulo confia na possibilidade da intervenção miraculosa de Deus nos fatos terrenos, pois, para quem crê, a fé é real e suas obras têm potencial para mudar o rumo dos acontecimentos profanos. A esse respeito, é sensato concordar com o professor Guilherme Santos Neves quando, em sua História popular do Convento da Penha, faz uma sintomática advertência aos historiadores, pedindo-lhes para que concedam ao povo pelo menos o direito de contar a história da Penha como ele, o povo, a viveu, sentiu, sente, entende e interpreta (22). Aliás, além de respeitar a crença popular, deve-se reconhecer que o homem piedoso retribui os benefícios transcendentais que lhe são concedidos.

Não é para menos que, em 1828, em sua Memória Estatística, o presidente provincial Ignácio Accioli de Vasconcellos, reportou ao Imperador D. Pedro I que a Ordem Franciscana, no Espírito Santo, “é rica de esmolas pelos contínuos milagres que faz a Santíssima Virgem Senhora da Penha” (23). Não é para menos, da mesma forma, que, em 1912, no pontificado do papa Pio X, a Santa Sé vaticana tenha proclamado que a Virgem da Penha seria a Santa Protetora do Estado do Espírito Santo, em sinal de reconhecimento de seus memoráveis feitos.

Articulando os tempos históricos, o passado torna-se presente, o que nos permite observar inúmeras correspondências nas crenças e nas práticas religiosas

dos espírito-santenses de antes e de agora. Em pesquisa divulgada por A GAZETA em março de 2008, ficamos sabendo que “83% dos capixabas crêem em milagre” e que “para o povo, em geral, o milagre é qualquer alteração física, social ou econômica por meio da intervenção divina”, segundo Edebrande Cavalieri, doutor em Ciência da Religião (24). Tal constatação, certamente, ajuda-nos a entender por que, na atualidade, dezenas de fiéis, diariamente, depois de romperem os imponentes portões do Convento, sobem suas ladeiras e escadarias, para assistir às missas, reverenciar a Senhora da Penha, simplesmente, ou, então, agradecer-lhe pelas graças alcançadas e atribuídas às suas intercessões. É fato, também, que a Sala dos Milagres, antiga Casa dos Romeiros, está repleta de ex-votos, ou seja, objetos deixados para “pagamento de promessas”: são centenas de “fotografias, muletas, figuras de madeiras ou cera, representando órgãos ou partes do corpo humano, que testemunham a cura de moléstias ou solução de problemas da vida cotidiana” (25). Anualmente, a Festa da Penha, que acontece na época da Páscoa, reúne romeiros provenientes de todo o Estado: eles vêm do Norte e do Sul, das terras altas e da baixada litorânea; vêm isoladamente, em pequenos grupos ou em caravanas, fazendo gigantescas peregrinações, durante as quais cantam, oram, meditam, “pagam penitências”, cumprem sacramentos e recebem indulgências. Nos festejos, deficientes físicos, cavaleiros, pescadores, motociclistas, profissionais liberais e atletas solicitam proteção e prestam homenagens à Padroeira; estima-se que, só na romaria noturna dos homens, cerca de 150 mil fiéis participem. Vê-se, portanto, que o culto a Nossa Senhora do Convento congrega

pessoas provenientes de todos os níveis sociais e de todas as etnias que compõem o mosaico multicultural capixaba. Vale registrar que as celebrações da Festa da Penha existem desde 1570 e foram realizadas, pela primeira vez, por frei Pedro Palácios, alguns dias antes e morrer.

As manifestações religiosas em torno do Convento da Penha são a prova de que, apesar de vivermos em uma época dominada pela tecnologia, a crença popular continua viva e é um elemento importante na constituição da identidade espírito-santense. O atual guardião do santuário, frei Bertolino Tholl, entende que a Festa da Penha “é a sintetização da fé do capixaba” e que o Convento “é o centro de toda a espiritualidade de um povo” (26).

Para o povo capixaba, no entanto, o valor simbólico do Convento da Penha ultrapassa a fronteira da espiritualidade católica, pois, como ensina o medievalista francês Jacques Le Goff, um monumento arquitetônico, em função da memória coletiva que acumula, transforma-se em documento histórico, ou seja, em objeto e fonte de investigação (27). Nessa perspectiva,

os historiadores (e não só eles) vêem-se diante de um dilema: é possível construir uma narrativa historiográfica, no Espírito Santo, sem citar o Convento da Penha? Para a historiadora Neida Lúcia Moraes, por exemplo, o Convento da Penha é “o mais antigo e importante monumento histórico do Espírito Santo” (28). Na mesma linha de raciocínio encontra-se o cronista cearense Gustavo Barroso para quem o Convento, por sua monumentalidade, seu “aspecto romântico” e sua “posição dominadora” sobre a Baía de Vitória, “é testemunha silenciosa de grandes acontecimentos históricos” (29). Enquanto isso, a artista plástica Samira Margotto, que escreveu interessante ensaio sobre a Pintura de Paisagem no Espírito Santo, afirma que a imagem do Convento da Penha, “na sua solidez, congrega uma força simbólica” que o torna, de fato, “parte da paisagem e da própria história” (30). Enquanto isso, o banner publicitário de lançamento do belíssimo livro O Convento da Penha: fé e religiosidade do povo capixaba, cujo texto é do atual presidente da Academia Espírito-Santense de Letras, Francisco Aurélio Ribeiro, convida-nos a conhecer “a história do Espírito Santo contada por um dos protagonistas: o Convento da Penha”. Desse modo, diante de evidências tão contundentes, se de fato quisermos entender o “ser” capixaba, ou, como dizem os eruditos, seu éthos, sua identidade, resta-nos admitir que não podemos ignorar o Convento da Penha.

A importância do Convento para a história local, associada à beleza e harmonia

AUTOR - RODRIGO SCALFONI GAVINA



“ONDE AS HISTÓRIAS SE ENCONTRAM, UM LOCAL DE FÉ”. Fotografia classificada em 2º lugar no Concurso Fotográfico Convento da Penha 450 Anos.

de seu conjunto arquitetônico, contribuiu para que, em 1943, fosse tombado como patrimônio histórico nacional. Três anos depois, por decreto-lei do governo estadual, sua imagem passou a figurar no centro do Brasão das Armas do Estado e reproduzida em todos os documentos oficiais emitidos pelos órgãos públicos. Seu potencial imagético, porém, não tem limites. Além de servir “de belo cartão postal”, como lembraram Renato Pacheco e Luiz Guilherme Santos Neves (31), o Convento da Penha é uma sedutora (e interminável) fonte de inspiração para incontáveis pintores e fotógrafos, que já o retrataram de todos os ângulos e perspectivas imagináveis; livros e artigos foram escritos, poemas e músicas foram compostas tendo o Convento como tema central; alegoricamente, sua imagem está impressa, também, em selos, carimbos comemorativos e estandartes de bandas de congo; aparece, por fim, estampada em chaveiros, camisetas, bonés e outros adereços que servem de souvenir, para que os turistas, literalmente, “recorrem-se”, através daquela imagem única no mundo, do território e do povo espírito-santense.

O Convento da Penha é, sem dúvida, o ícone de um povo inteiro, independente do credo professado por cada um. No Estado do Espírito Santo, todos se identificam na (e são identificados pela) imagem refletida do alto do monte da Penha. Onde quer que estejamos, ao visualizar os contornos arquitetônicos daquele eremitério, lembramos que pertencemos a um lugar chamado Espírito Santo. Isso é uma constatação que a poeta mineira Jô Drummond fez ao lançar seu “olhar forasteiro” sobre a “alma” capixaba e, assim, com a sensibilidade inerente aos poetas, entendeu que o espírito-santense acredita que do “topo do penhasco/ (a) sentinela/ protege com seu espírito/ um Estado que é santo” (32).

Obra coletiva do povo capixaba, o Convento da Penha é sinônimo de fé, história e identidade. Antes de ser um patrimônio material construído e um santuário (também) ecológico, é, por sua (quase) onipresença em nossa história, o ponto de encontro simbólico entre sucessivas gerações de capixabas. Herança partilhada por todos, promove a unidade de um povo que se caracteriza pela diversidade cultural, mas que, de forma unânime, nutre uma orgulhosa identificação afetiva para com o seu Convento. Ele, resistindo à implacável ação do tempo, continua vigoroso neste alvorecer do terceiro milênio e, numa temporalidade que não é humana, já vislumbra as comemorações do seu quinto centenário, quando, pela cronologia tradicional, estaremos em 2058 d.C., depois de Cristo, e, pelo “calendário paralelo” espírito-santense, contaremos o ano 500 depois do Convento.

## Notas:

(1) ESPÍRITO SANTO (Província). Presidente (1861: Costa Pereira Junior). Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Espírito Santo no dia da Sessão Ordinária de 1861 pelo presidente José Fernandes da Costa Pereira Junior. Vitória: Tipografia Capitaniense de Pedro Antonio d'Azevedo, 1861, p. 30-33, texto adaptado.

(2) SALVADOR, frei Vicente do. História do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1975, p. 109.

(3) SILVA NETO, J.J. Gomes da. As Maravilhas da penha in: WILLEKE, frei Venâncio. Antologia do Convento da Penha. Vitória: Conselho Estadual de Cultura, 1974, p. 55.

(4) DERENZI, Luiz Serafim. Biografia de uma Ilha. Vitória: PMV, 1995, p. 41.

(5) VALLE, Eurípedes Queiróz do. O Estado do Espírito Santo e os Espírito-Santenses: dados, fatos e curiosidades. Vitória: s/ed, 1971, p. 338.

(6) NOVAES, Maria Stella de. Relicário de um povo: o Santuário de Nossa Senhora da Penha, 2ª ed. Vitória: IBGE, 1958.

(7) ALEIXO, Alceu. Histórias da História capixaba. Vitória: PMV, 1958, p. 85.

(8) WILLEKE, frei Venâncio. A Gazeta, 19/3/1978 cf. in RIBEIRO, Francisco Aurélio. O Convento da Penha: fé e religiosidade do povo capixaba. Vitória: Companhia Siderúrgica de Tubarão-CST, 2006, p. 112.

(9) BUENO, Alexei et ali. O Patrimônio construído: as 100 mais belas edifi-

cações do Brasil. São Paulo: Capivara, 2002, p. 28.

(10) LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2004, tomo I, p. 79.

(11) ANCHIETA, José de. Cartas: informações, fragmentos históricos e sermões in: SALETTTO, Nara. Donatário, colonos, índios e jesuítas. 2ª ed., Vitória: Arquivo Público Estadual, 1998, p. 35.

(12) Relatório citado na nota 1 (epígrafe), p. 33, com devidas atualizações para o português de hoje; o autor grifou.

(13) WILLEKE, frei Venâncio. Antologia do Convento da Penha. Vitória: Conselho Estadual de Cultura, 1974, pp. 62 e 69.

(14) SALETTTO, Nara. Op. cit., p. 36.

(15) COUTINHO, José Caetano da Silva. O Espírito Santo em princípios do século XIX: apontamentos feitos pelo bispo do Rio de Janeiro quando de sua visita à capitania do Espírito Santo nos anos de 1812 e 1819. Vitória: Estação Capixaba e Cultural - ES, 2002, p. 102.

(16) FRAGA, Moacir. O Convento da Penha: palavras e bosquejo do arquiteto Moacir Fraga in: WILLEKE, frei Venâncio. Antologia do Convento da Penha. Vitória: Conselho Estadual de Cultura, 1974, p. 105.

(17) WILBERFORCE, Edward. Ingleses na costa: Impressões de um aspirante de marinha sobre o Espírito Santo em 1851. Vitória: Cultural-ES, 1989, p. 16.

(18) BOXER, Charles R. A Mulher na Expansão Ultramarina Ibérica - 1415-1815: alguns factos, idéias e personalidades. Lisboa: Livros Horizonte, 1977, p. 53/4.

(19) O historiador inglês Peter Burke, ao falar sobre o Sagrado e o Sobrenatural, disserta a respeito de imagens que adquirem “forças autônomas” Cf. in: BURKE, Peter. Testemunha Ocular: História e Imagem. São Paulo: EDUSC, 2004, p. 62.

(20) A expressão Cavalaria Celestial é como às vezes é intitulado o painel A Visão dos Holandeses de Benedito Calixto, onde o artista paulista retrata o episódio descrito no texto; o quadro pertence ao acervo do Convento da Penha; Cf. citação “armas reluzentes...” in: MORAES, Neida Lúcia. Espírito Santo: esta é a sua terra, no Brasil. São Paulo: LISA, 1973, p.24.

(21) Cf. citação “terrível seca...” in: SANTOS, Jair. Vila Velha: onde começou o Estado do Espírito Santo. Vila Velha: Editora do Autor, 1999, p. 49.

(22) SANTOS NEVES, Guilherme. História popular do Convento da Penha. 2ª ed. Amp. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1999, p. 12.

(23) VASCONCELLOS, Ignácio Accioli de. Memória estatística da província do Espírito Santo escrita no ano de 1828. Vitória: Arquivo Público Estadual, 1978, p. M-N.

(24) NASCIMENTO, Carla. 83% dos capixabas crêem em milagre. A Gazeta, 9 de março de 2008, p. 11.

(25) Cf. in WILLEKE, Venâncio. Op. cit., p. 127/8.

(26) CHELUJE, Gustavo. Começam os preparativos para a Festa da Penha. A Gazeta, 10 de março de 2008, p. 7.

(27) As reflexões sobre “documento-monumento” estão em verbete de mesmo nome no volume 1 da Enciclopédia Einaudi. Cf. LE GOFF, Jacques et. al. Memória/História. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

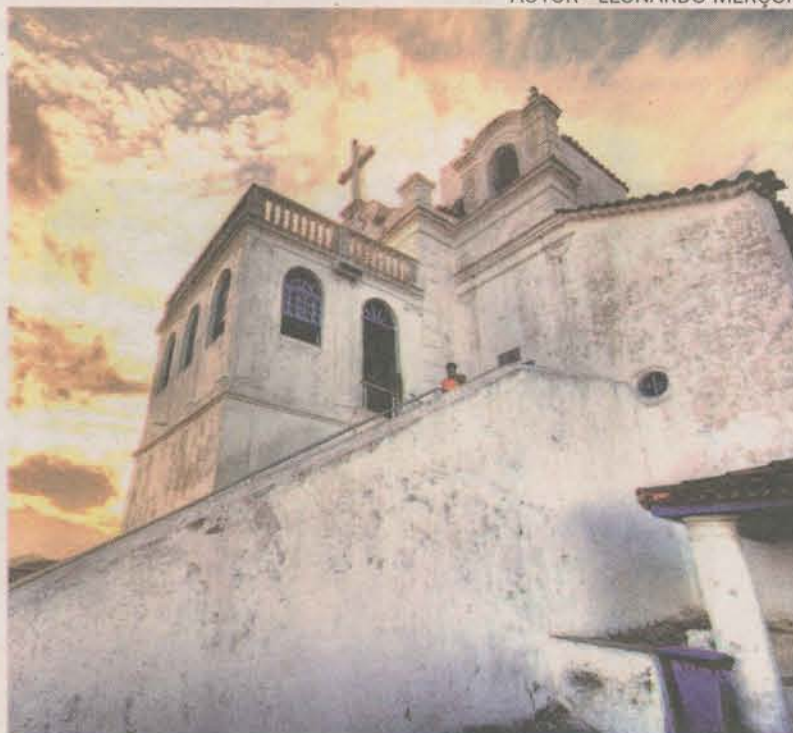
(28) MORAES, Neida Lúcia. Assim é o Espírito Santo, o Espírito Santo é assim. Vitória: Governo do Estado, 1971, p. 190.

(29) Cf. in: WILLEKE, Venâncio, Op. cit., epígrafe, s/p.

(30) MARGOTTO, Samira. Cousas Nossas: pinturas de paisagens no Espírito Santo, 1930-1990. Vitória: EDUFES, 2004, p. 104.

(31) PACHECO, Renato & SANTOS NEVES, Luiz Guilherme. Índice do folclore capixaba. Vitória: BANESTES, 1994, p. 48.

(32) DRUMMOND, Jô. Vitória “Ilha do Mel” in: Olhar forasteiro. Coleção Escritos de Vitória, 23. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2004, p. 62; a escritora mineira Jô Drummond vive há vinte anos no Espírito Santo e, além de poetiza, é doutora em Comunicação e Semiótica, portanto, uma especialista na interpretação do significado dos símbolos; foi eleita, recentemente, para a Academia Espírito-Santense de Letras, conforme noticiou o Caderno Dois de A GAZETA, no dia 13 de março de 2008, p. 7.



AUTOR - LEONARDO MERÇON

“CÉU DOURADO” Fotografia classificada em 3º lugar no Concurso Fotográfico Convento da Penha 450 Anos.

## Segundo Lugar

ESTILAJE FERREIRA DOS SANTOS.

# >> Convento da Penha 450 anos: fé, história e identidade do Espírito Santo. “Frei Pedro Palácios, o Convento da Arrábida e as origens do culto à Nossa Senhora da Penha”.<<

ESPECIAL PARA O CADERNO 2

■ O objetivo deste pequeno ensaio é examinar brevemente o contexto religioso e espiritual em que viveu o frei Pedro Palácios antes de vir para o Brasil, as principais influências que recebeu e a evolução das correntes de sentimento e de pensamento religioso que deram conformidade ao seu estilo de ação. Na verdade, porém, como morador antigo de Vila Velha, historiador, e admirador deste culto que é uma das mais tocantes manifestações da cultura religiosa do país, aproveitei a oportunidade para prestar uma modesta homenagem a ele.

A pequena capela, o convento e o próprio culto a Nossa Senhora da Penha são de fato uma criação coletiva de todo o povo capixaba, que se constituiu ao longo de séculos e que se identifica em grande parte com a sua própria história. Entretanto, não se pode negar que nas origens desta saga coletiva definidora da identidade capixaba, uma figura individual nela exerceu um papel de primeiro plano: o do humilde frei espanhol Pedro Palácios. É por essa razão que é inevitavelmente sobre ele também que incide a nossa atenção quando se comemora hoje os 450 anos do início da construção do santuário, pois é impossível negar que sem ele essa história não teria sido a mesma. O ano de 1558, que marca estes heróicos primórdios, coincide exatamente com a sua chegada ao Espírito Santo, e é ainda do impulso espiritual deste início que se nutre em parte a fé dos adeptos de Nossa Senhora da Penha.

Neste caso, a pergunta mais relevante que se pode fazer diz respeito aos motivos que teriam levado este emblemático personagem de nossa história, nascido na Extremadura espanhola dos primórdios do século XVI, no alvorecer da idade moderna, a habitar e fazer o que sabemos que ele fez no distante Espírito Santo.

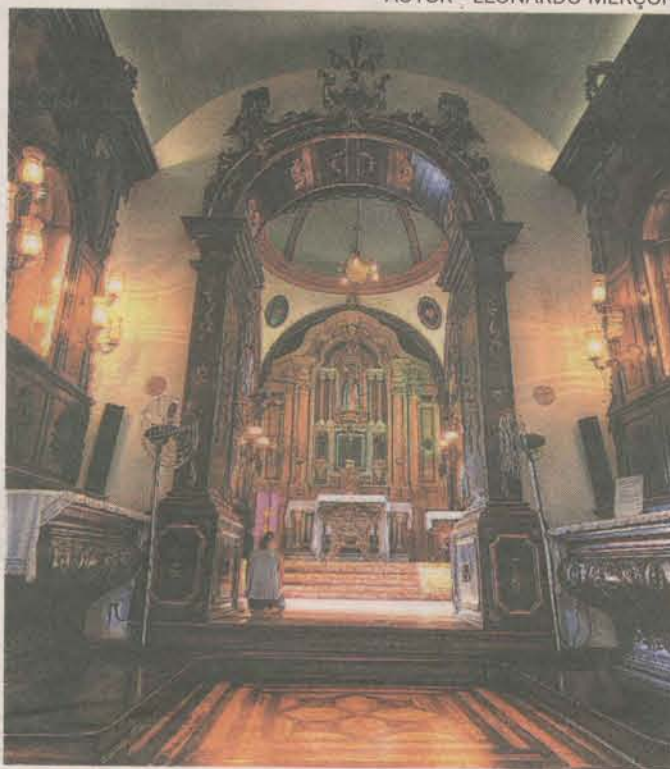
Numa passagem de seu evocativo e insuperável “História Popular do Convento da Penha”, lembra o grande mestre da cultura e do folclore capixaba, Guilherme dos Santos Neves, em profunda coerência com este mesmo título, que a tradição popular capixaba conta e explica, como se fôra a realização de uma profecia, a vinda de Frei Pedro Palácios para o Espírito Santo, terras que ele iria regar “com o seu santo suor e suas lágrimas, nelas semeando a boa semente das suas virtudes e dos seus exemplos”. E na obra “Maravilhas da Penha”, de Gomes Neto, publicada em 1888, em confirmação de sua tese, ele encontrou esta passagem lapidar: “O piedoso leigo, achando-se no convento da Arrábida, tivera um sonho místico (...) Um anjo, descendo do céu sobre um montão de indivíduos quase a afogar-se em um pego, salvara a todos agarrando-lhes pelos cabelos” (NEVES, 1999, p.18).

De nosso ponto de vista, esta passagem de Gomes Neto, lembrada pelo mestre Guilherme, registra uma tradição popular que, como tal, é inquestionável enquanto fato etnográfico, mas tem também o mérito de salientar um aspecto da biografia de Frei Pedro sobre o qual gostaríamos de jogar alguma luz. Refiro-me à afirmação de que este tivera o seu sonho místico justamente no convento da Arrábida, e que a sua decisão de vir para o Brasil decorreria da profecia contida nele. No que se segue, comentarei e fornecerei alguns elementos de natureza

historiográfica que podem ajudar a entender um pouco melhor esta associação entre o Convento da Arrábida e o profetismo que estaria na base da decisão do frei de vir para o Brasil.

Ela é importante para nós porque nos lembra, em primeiro lugar, que é muito provável que, antes de vir para o Brasil, Frei Pedro tenha vivido muitos anos no famoso Convento da Arrábida, em Portugal, e que talvez tenha sido este o local e o ambiente onde ele desenvolveu e decantou os traços mais salientes de sua personalidade, sobretudo de sua religiosidade. Por essa razão, é muito importante para nós, que queremos conhecer melhor sua história, especialmente hoje, sabermos um pouco mais sobre o tipo de experiência que Palácios teria tido naquele convento, que foi muito provavelmente a base fundamental de sua formação espiritual e que influenciou e condicionou grande parte de sua ação no Brasil, especialmente no Espírito Santo, ao fundar nele a devoção de Nossa Senhora da Penha, e isso justamente no sentido daquela profecia.

AUTOR - LEONARDO MERÇON



“PRECE SOLITÁRIA”.  
Fotografia finalista do Concurso Fotográfico Convento da Penha 450 Anos.

A fundação e a projeção do Convento da Arrábida foi, segundo um dos mais conceituados historiadores portugueses do período, J.S. Silva Dias, a expressão mais forte e mais significativa do franciscanismo em Portugal, na sua luta pela volta ao espírito religioso que estivera nas origens do cristianismo primitivo. A preocupação ascética adquiriu nele o máximo vigor da penitência e da pobreza, atitudes que estavam associadas, no entanto, à ingenuidade, à alegria e ao otimismo de uma imaginação cristã que buscava a serena união com o Criador. Mas que buscava, igualmente, uma pacífica comunhão com as criaturas, a natureza, os homens e os animais (DIAS, 1960, p.148-156).

A idéia da fundação do convento partiu do Duque de Aveiro, D. João de Lencastre, o mesmo homem que, um pouco mais tarde, ainda viria a ser o dono da capitania de Porto Seguro, vizinha da capitania do Espírito Santo, em virtude dos problemas que originaram a demissão e a desgraça de seu primeiro donatário, Pedro de Campo Tourinho, acusado de heresia pela Inquisição. Tudo teria começado com a romaria que o duque fez ao Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, na Extremadura espanhola (um local muito próximo de onde nasceu o mesmo Frei Pedro, Medina do Rio Seco), em 1538 ou princípios de 1539. A Extremadura era uma das regiões mais afetadas pelo movimento da reforma religiosa franciscana, que estava se processando ali de forma muito intensa. Este movimento buscava a unidade da ordem franciscana na Península Ibérica, mas a ênfase que colocava no retorno às formas primitivas de vivência da fé, o fervor na ação, na vida evangélica, na oração e na ascese, criava um nítido contraste entre ele, que era por isso mesmo chamado de “observância”, e a tendência dominante até então na ordem franciscana, muito mais apegada a práticas que não estavam de acordo com aqueles reformadores, e por isso mesmo eram chamados os da “conventualidade”, ou “claustrais”. Um historiador espanhol descreveu em termos insubstituíveis essa pendência entre as duas vertentes fran-

ciscanas. Dizia ele que..."subindo pela Extremadura, onde aparecem os "descalços", se enlaçam com os eremitérios castelhanos de Toledo, Guadalajara, Valladolid e Burgos, a observância invadiu as terras hispânicas como uma maré avassaladora e absorveu totalmente a antiga e, até então, forte e bem assentada conventualidade" (PÉREZ, 1992, p.17).

Assim, foi naquela romaria que o duque, muito religioso, conheceu o frei Martinho de Santa Maria, professo de um convento italiano de Capuchos Barbados, cuja pregação e comportamento lhe causaram uma profunda impressão. Frei Martinho era um daqueles pioneiros religiosos ibéricos que, no limiar do séc. XVI, tinham ido para a Itália em busca dos capuchos da Úmbria (região onde está localizada Assis, a terra de São Francisco), e que depois disso passaram a demandar às autoridades eclesásticas de Roma apoios e investidas para a grande reforma religiosa que intentavam fazer em sua terra, no sentido daquela influência italiana que haviam recebido. Lembra a este respeito ainda, Silva Dias, que o ideal dos capuchos italianos era o ideal da vida pobre que tinha sido pregado nas origens pelo próprio fundador da ordem, São Francisco, um ideal que, depois de algum tempo, tinha sido abandonado, como vimos, por muitos, mas que tinha sido sempre defendido pelos dissidentes da mesma ordem (DIAS, 1960, p. 150).

Confessou o frade ao duque que ele desejava levar uma vida de eremita dedicada exclusivamente a Nossa Senhora (um aspecto, para nós, extremamente significativo, pois era essa também a intenção de Frei Pedro) e, por essa razão, o duque o convidou a ir para Portugal, se instalando na serra da Arrábida, local onde foi construída inicialmente uma pequena ermida dedicada a Nossa Senhora da Arrábida (uma história muito semelhante à da nossa Penha). Conta o cronista frei Antônio da Piedade que, ao chegar ao local, na íngreme Serra da Arrábida, Frei Martinho teria exclamado: "se não estou no Céu, estou nos seus arrabaldes", uma exclamação que se poderia fazer também da nossa Penha. Mas, os primeiros companheiros de frei Martinho, apesar de serem pessoas austeras, não conseguiram se acostumar com o extremo rigorismo do frei fundador do convento e o abandonaram. (Cf. [http://www.azeitao.net/arrabida/convento\\_1/historia.htm](http://www.azeitao.net/arrabida/convento_1/historia.htm). Acesso em 10.03.2008)

Ali, e este certamente foi também o aprendizado de Frei Pedro, os frades andavam mal vestidos, suas roupas eram remendadas e do tecido mais comum, não falavam, dormiam no chão, se auto-infligiam os mais severos castigos corporais e faziam oração mental por três horas, diariamente, o que os conduzia regularmente à imersão em profundos estados místicos. A comida era a dos pobres, com jejum na maior parte do ano e abstinência permanente de carne, peixe, vinho e ovos, exceto para os doentes. Os pés sempre nus, disciplina assídua, total proibição de aceitar esmola pecuniária ou estipêndio de missas e sermões, assim como de fazer provisão de comestíveis, salvo de pão para alguns dias. Assim, em resumo, ao contrário dos religiosos franciscanos claustrais que viviam em centros urbanos e seguiam um outro estilo de vida, estes frades procuravam instalar-se em lugares ermos e seus conventos eram eremitérios, como os da Arrábida, que eram os locais onde se procurava viver na mais estrita fidelidade ao espírito do fundador da ordem franciscana. (Cf. [http://www.azeitao.net/arrabida/convento\\_1/historia.htm](http://www.azeitao.net/arrabida/convento_1/historia.htm). Acesso em 10.03.2008)

Este rigorismo, proveniente da Itália e que ainda portava a marca de sua origem, encaminhava-se sem rodeios para a restauração da pobreza, da humildade, da penitência e da elevação mística, características que estavam presentes no franciscanismo original, mas esteve também presente em seus seguidores medievais mais radicais, os chamados "franciscanos espirituais". Mesmo assim, o convento progrediu rapidamente, especialmente depois da chegada, em 1542, do carismático São Pedro de Alcântara, que atraiu também outras figuras famosas como os freis Juan de Águila, Juan de Guadalupe, Pedro Melgar, Anjo de Valladolid e o próprio Pedro Palácios, todos eles originários da Extremadura espanhola, uma prova de que, naquela altura do século XVI, a circularidade cultural entre Portugal e a Espanha era muito intensa (Cf. SCHAUB, 2001). Aliás, esta conclusão também é decisiva para compreender porque figuras tão importantes para a história religiosa do Espírito Santo, parte do império português, como o

próprio Frei Pedro e o venerável padre Anchieta, eram nascidas de fato na Espanha, mas acabaram exercendo as ações mais "espetaculares" de suas vidas em território português.

São Pedro de Alcântara, o santo franciscano que foi o verdadeiro autor dos estatutos e da regra imperante no Convento da Arrábida (curiosamente, em 1826, a pedido do imperador Dom Pedro I do Brasil, São Pedro foi proclamado, pelo papa Leão XII, "Principal Padroeiro do Brasil"), durante anos teve ali a seu cargo a formação dos noviços e é também muito provável que tenha sido o verdadeiro mestre de Pedro Palácios, tanto que o frei Venâncio Willeke, também com base no cronista do séc. XVIII frei Antônio da Piedade, admite mesmo a hipótese de que Frei Pedro teria sido enviado ao Brasil pelo próprio São Pedro de Alcântara (WILLEKE, 1977, p.27). Admitindo também a enorme influência que o santo teria tido sobre Frei Pedro, Alves Netto chamou a atenção para aspectos importantes de sua trajetória que convém mencionar aqui, inclusive porque alguns deles lembram inevitavelmente a figura do próprio Pedro Palácios. A começar pelo seu nascimento, que se deu em Alcântara, na mesma Extremadura espanhola onde nasceu Palácios. De pais nobres (alguns biógrafos de Palácios lhe atribuem esta mesma origem), teria estudado na famosa Universidade de Salamanca, onde se tornou conhecido por sua grande inteligência, sensibilidade e ternura. Seu noviciado constituiu uma longa preparação, durante a qual praticou a mais dura austeridade, mortificação dos sentidos, recolhimento, contemplação e oração. Entregou-se com tal predisposição às tarefas que lhe foram atribuídas que, aos vinte anos, foi nomeado superior do Convento de Badajoz, sem ter sequer sido ordenado sacerdote. Depois de se ordenar, percorreu vários conventos e se tornou um

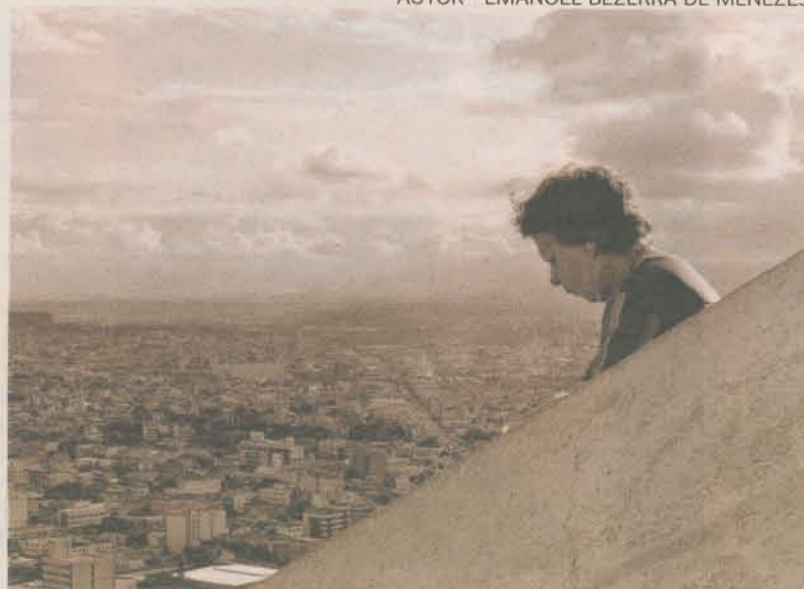
pregador conhecido, tendo composto nesta época o influente "Tratado de Oração e Meditação", um livro que viria a exercer profunda influência até os dias de hoje. Sua fama chegou até o reino de Portugal, para onde foi, convidado pelo rei dom João III. Durante sua estada inicial em Portugal, foi conselheiro do rei, que testemunhou sua gratidão a ele, abrindo em Lisboa um mosteiro para as Clarissas e construindo o Hospital da Misericórdia, o mesmo local onde, em mais uma coincidência, o frei Pedro Palácios teria prestado serviços durante muitos anos antes de vir para o Brasil. Entretanto, "acostumado ao recolhimento e à mais completa austeridade, tinha dificuldades em suportar as honrarias que lhe eram tributadas pela Corte Portuguesa, já que preferia viver desconhecido, dedicando-se à oração, à penitência e à contemplação", e foi por esse motivo que preferiu dedicar-se, por alguns anos, ao Convento da Arrábida, onde viria a exercer profunda influência (NETTO, 1999).

São Pedro foi, em síntese, um exemplo de austeridade e radicalismo moral e ficou muito conhecida sua atitude de passar muitos anos olhando somente para o chão. Atitudes como essa, acentuavam a importância da observância de costumes e práticas "exteriores", que funcionavam como pedra de toque e exteriorização de uma espiritualidade cristã que estava em franca

oposição, por exemplo, à atitude humanista de um Erasmo de Roterdã, que desaconselhava estas práticas (uma atitude crítica que os futuros protestantes iriam compartilhar com Erasmo). Mas foi justamente por causa da visibilidade destas práticas que as massas populares, e até as elites, como foi o caso do Duque de Aveiro, e muitos outros, se sentiram atraídos por suas expressões sinceras de penitência e de humildade, e não é por outro motivo que a influência dos capuchos da Arrábida foi enorme em Portugal durante toda a segunda metade do século XVI, e que o convento tenha se tornado um dos grandes centros de atração das almas sedentas de fé e absoluto, tanto que em 1560 foi erigido em "província", contando já naquela altura com oito conventos, uma expansão sobre a qual muitos estudos foram feitos em Portugal (Cf. DIAS, 1960, p.148-156). E por isso é lícito concluir que a própria implantação do culto à Penha, em nossa terra, derivou também desta expansão, porque foi de lá que veio o "painel" mítico da Virgem que até hoje é reverenciado entre nós, mas, sobretudo porque foi um arrábido que o (im)plantou entre nós, com sua humildade, dedicação, penitência e força espiritual.

O movimento da "observância", de que os conventuais da Arrábida se tornariam aplicados defensores, propunha-se, como vimos, à retomada do rigorismo

AUTOR - EMANOEL BEZERRA DE MENEZES



"O ESFORÇO DE UMA FÉ CONSTANTE".  
Fotografia finalista do  
Concurso Fotográfico  
Convento da Penha 450  
Anos.

que marcara os primórdios da ordem franciscana. Já na sua origem, no início do século XIII, a ordem dos franciscanos tinha sido, acima de tudo, a portadora de uma sensibilidade fraternal, de um otimismo transcendente e de um forte espírito proselitista, motivo pelo qual seus adeptos foram logo designados os grandes catequistas da Europa medieval, promovendo uma estreita articulação entre o anúncio da Fé pela palavra, que era uma explícita rejeição do ideal militar das cruzadas, e dando testemunho de uma vida cristã, marcada pela preocupação com a caridade, que se traduzia numa ardente vontade missionária. Este ideal surgiu com o próprio São Francisco de Assis (1181-1226), cuja atuação se consubstanciou em alguns princípios fundamentais: o voto de pobreza e a exclusão da vida claustral, a ambição proselitista de estender o cristianismo a toda as classes, sexos, estados e países do mundo e a toda a humanidade e, finalmente, a aproximação do homem à divindade e à natureza. Em nome destes ideais, os chamados irmãos menores deveriam sustentar-se pelo seu trabalho e viver em contato permanente com os pobres pois, segundo eles, Cristo era irmão dos humildes e a Virgem, cujo culto difundiram e exaltaram, a Mãe misericordiosa dos homens.

Mas o generoso otimismo da conquista espiritual do mundo defendido pelos discípulos de São Francisco encontrou um grandioso prolongamento filosófico nos escritos anteriores de outro italiano, o abade calabrés Joaquim de Fiore (1130-1202). De forma aparentemente pouco ortodoxa, Fiore dividia a história do mundo em três idades sucessivas: a do Pai, que corresponderia grosso modo à fase do Antigo Testamento, a do Filho, que corresponderia à idade do Novo Testamento e da Igreja, que estaria em crise ao seu tempo e, por fim, a do Espírito Santo, cujo advento estaria próximo. Assim, a teologia de Fiore era uma teologia trinitária, bebida numa leitura esotérica da Sagrada Escritura, que justificava a expectativa messiânica e profética em um terceiro estágio da história do mundo, ainda dentro da história, a idade do Evangelho do Espírito Santo, que não seria um novo livro, mas apenas a inteligência espiritual dos dois testamentos, e que faria com que se pudesse esperar que à Igreja institucionalizada, a Igreja dos doutores e dos intelectuais, sucederia, para durar até ao Juízo Final, uma igreja de homens contemplativos, espiritualizados, fraternos e conduzida por novos chefes espirituais, que levariam os homens à terra Prometida da terceira Idade, a idade do Espírito Santo (Cf. GANDRA, 1999).

Assim, no século XIII, propagou-se por várias partes da Europa a quase heresia dos chamados "franciscanos espirituais", que exigiam a estrita observância da regra de São Francisco, mas com um certo toque de messianismo joaquimista. Segundo o antropólogo G. Durand: "Pode mesmo falar-se, a propósito do messianismo, de um primeiro sebastianismo veiculado pela espiritualidade franciscana. O seu joaquimismo põe em relevo os sonhos pouco ortodoxos da Terceira Roma, do "Segundo Cristo" (São Francisco nasceu também num estábulo; foi igualmente marcado pelos estigmas da crucificação; imortal, foi elevado aos céus como Elias...; e dá origem a uma iconografia que raia à idolatria) e do "Quinto Império". O próprio São Francisco era, para os seus discípulos, pelo menos, o anunciador, o Segundo Precursor dos novos tempos, da vinda do Espírito Santo" (DURAND, 1986, p.6).

Em Portugal, a influência do franciscanismo, inclusive na vertente joaquimista, segundo alguns autores, uma penetração profunda. Não custa lembrar, a esse respeito, que o mais influente santo português da era medieval foi o franciscano Santo Antônio de Pádua, padroeiro de Lisboa, cuja conversão ao franciscanismo data dos primórdios da história da ordem franciscana em Portugal. Esta penetração do espírito franciscano e joaquimista em Portugal ocorrerá, no entanto, por vias diversas: através dos monges de Cluny e de Cister, dos cavaleiros da ordem dos Templários, por exemplo, mas também pela ação direta dos próprios franciscanos, que terá o apoio dos reis portugueses e se cristalizará no culto do Espírito Santo, que é até hoje um dos traços dominantes da identidade cultural portuguesa.

Um dos mais antigos historiadores da ordem franciscana em Portugal, frei Manuel da Esperança ("História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de São Francisco na Província de Portugal", Lisboa, 1656), atribui à rainha Santa Isabel (1271-1337) e seu esposo, o rei D. Dinis (1279-1325), a invenção primeira das festas e do culto do Espírito Santo em Portugal. De origem aragonesa, a rainha Isabel teria chegado a Portugal já completamente imbuída das idéias joaquimitas dominantes na corte de seu pai, o rei Pedro III de Aragão. Em 1296, na sua vila de Alenquer, que se tornaria o grande centro de irradiação do culto ao Espírito Santo

(lembro a propósito que, antes de vir para o Brasil, o donatário Vasco Fernandes Coutinho vivia em Alenquer, onde subsistiam as práticas deste culto e que, muito provavelmente, esta vivência seja a verdadeira origem do nome de nossa terra), a rainha Isabel teria criado a primeira Confraria do Espírito Santo, sob a denominação de Império do Espírito Santo. Mas o grande historiador português Jaime Cortesão é de opinião que o joaquimismo e o culto do Espírito Santo teriam sido introduzidos pelos franciscanos em Portugal bem antes da rainha Isabel. Seja como for, o que não se pode negar é que desde então permaneceu muito forte em Portugal o impacto da espiritualidade franciscana em sua feição joaquimista, associada ao culto do Espírito Santo, de Santa Isabel, e ao próprio culto de Nossa Senhora em geral, e foi em função deste culto que as confrarias do Espírito Santo e os hospitais do mesmo nome, uns tendo função apenas de albergues para os viajantes e peregrinos, outros expressamente destinados ao tratamento de doentes, espalharam-se por todo o país, dentro daquele espírito de fraternidade que o espiritualismo joaquimista e franciscano apregoava. Também passaram a celebrar-se em honra do Espírito Santo, desde o domingo de Páscoa até o de Pentecostes, os famosos Impérios do Divino Espírito Santo, procissões solenes em que tomavam parte um simbólico Imperador Menino, acompanhados de dois reis e respectivas rainhas, seguido de foliões com tambores e pandeiros, além de outras figuras alegóricas como as famosas pombinhas das bandeiras dos foliões, simbolizando a paz e a descida do Espírito Santo sobre os homens, protegendo os desamparados e iluminando os homens. A festa do Divino foi uma das mais importantes manifestações da cultura religiosa do Brasil colonial e subsiste até hoje em alguns lugares, inclusive no Espírito Santo (Cf. CORTESÃO, 1984, p.139-151).

Desde o século XIV, no entanto, foi tomando corpo entre os franciscanos a prática dos estudos teológicos, e a ela corresponderia uma mudança significativa no estilo de vida dos antigos frades menores. Eles abandonam paulatinamente os eremitérios, constróem casas e escolas nas cidades e vastos conventos. Ao mesmo tempo, abandonaram os antigos rigores e passaram a adquirir propriedades e rendas, decaindo para o que se convencionou chamar "conventualidade", ou para a vida dos "claustrais". Segundo o prof. N. Falbel, autor brasileiro do melhor estudo sobre os "espirituais franciscanos", o que se passou foi que à medida que os franciscanos penetraram nas universidades, fortificou-se neles a tendência para a fixação e a estabilização, gerando a necessidade "de casas cômodas, de livros, o que a vida mendicante não possibilitava" (FALBEL, 1995, p.197).

Como reação, ainda no século XIV, e sobretudo no século XV, começa a surgir uma crítica a esta tendência, aparecendo os chamados "Franciscanos Observantes", que procuravam retomar as antigas práticas dos "espirituais" e de seus eremitérios. E finalmente, no século XVI, quase por todas as vilas e cidades de Portugal, desenvolvem-se sobremaneira estes franciscanos observantes, e é deste movimento que resultará a criação do convento da Arrábida, onde viveu frei Pedro, e do qual ele seria um representante no Espírito Santo.

#### Conclusão

A historiografia capixaba, em geral, tem feito poucas referências ao contexto em que viveu frei Pedro antes de vir para o Brasil. José Teixeira de Oliveira, por exemplo, autor de uma obra de referência obrigatória sobre nossa história, apesar de considerar com alguma propriedade frei Pedro Palácios o "São Francisco de Assis do Brasil", não faz qualquer referência àquele contexto (OLIVEIRA, 1951, p.98). Mesmo a historiografia de origem franciscana é extremamente parcimoniosa a esse respeito. Frei Willeke, por exemplo, em umas poucas linhas, lembra que frei Pedro "passou para a custódia portuguesa da Arrábida, que aderiu à reforma de São Pedro de Alcântara e que durante algum tempo foi por ele dirigida" (WILLEKE, 1977, p.28). No entanto, o mesmo frei foi o autor de uma excelente coletânea, publicada em 1973, com o título "Antologia do Convento da Penha", na qual reuniu "escritores de 4 séculos" que "tratam de frei Palácios e da Penha", onde são fornecidas por estes autores inúmeras pistas de que este tema mereceria um tratamento específico e mais aprofundado. Do Pe. Fernão Cardim, por exemplo, que visitou e conheceu o santuário da Penha ainda em 1584, poucos anos depois da morte de Frei Pedro, que se deu em 1570, ele transcreveu a passagem curiosa em que Cardim compara a ermida da Penha com a de Nossa Senhora da

AUTOR - LUCIANA MARIA DE CARVALHO



"REVELAÇÃO".  
Fotografia  
finalista do  
Concurso  
Fotográfico  
Convento da  
Penha 450 Anos.



Pena de Sintra, por estar ela "fundada sobre uma altíssima rocha de grande vista para o mar e para a terra", uma comparação que Cardim poderia tranqüilamente ter feito com a própria Arrábida, localizada numa posição análoga (p.17). Do poeta místico frei Agostinho da Cruz, "que viveu e inspirou-se no ermitério da Arrábida, em Portugal, como contemporâneo de Frei Pedro Palácios", frei Willeke transcreveu também o interessantíssimo soneto intitulado "Serra da Arrábida", o qual, segundo o próprio frei, "descobre o segredo porque frei Palácios escolheu o morro da Penha para nele prosseguir a vida contemplativa aprendida na Serra da Arrábida. Pois, aqui no Espírito Santo, achara outra Arrábida que favorecesse o recolhimento, a oração e a união com o Criador". WILLEKE, 1973, p.19.

Para concluir, pense e sinta o leitor se estes versos do poeta companheiro de Palácios, inspirados misticamente na Arrábida, não poderiam evocar os mesmos sentimentos, se fossem lidos a partir da nossa Penha:

"Do meio desta Serra derramado

A saudosa vista nas salgadas

Águas, humildes, quando e quando inchadas,

Conforme a qual o vento vai soprando". WILLEKE, 1973, p.19.

Bibliografia:

CORTESÃO, J. Os fatores democráticos na formação de Portugal, Lisboa, Li-

vros Horizonte, 1984.

DIAS, J.S.Silva. Correntes de sentimento religioso em Portugal, Coimbra, Univ. de Coimbra, 1960.

DURAND, G. O Imaginário português e as aspirações do Ocidente cavaleiresco, in: "Cavalaria Espiritual e Conquista do Mundo", org. Centeno, I, Lisboa, INIC, 1986.

FALBEL, N. Os espirituais franciscanos, SP, Perspectiva/Edusp, 1995.

GANDRA, M.J. Joaquim de Fiore, joaquimismo e esperança sebastica, Lisboa, Fundação Lusíada, 1999.

NETTO, J.A. Os quinhentos anos do nascimento de São Pedro de Alcântara, in: <http://www.ihp.org.br/docs/jfan19991027.htm>. Acesso 07.03.2008.

NEVES, Guilherme S. História Popular do Convento da Penha, Vitória, IHGES, 1999.

OLIVEIRA, J. T. História do Estado do Espírito Santo, Rio, s/ed, 1951.

PÉREZ, A. A. Los Franciscanos en América, Madrid, Ed. Mapfre, 1992.

SCHAUB, J.F. Portugal na Monarquia Hispânica, Lisboa, Livros Horizonte, 2001.

WILLEKE, Fr. V. Franciscanos na História do Brasil, Petrópolis, Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_ Antologia do Convento da Penha, Sec. Est. Da Cult. 1973.

## Terceiro Lugar

FERNANDO HENRIQUE CRUZ DE ANDRADE

# "Uma vida em sete voltas"

CADERNO ESPECIAL

### Primeira volta: o reencontro

■ ■ Trinta e cinco anos. Nossa, foi mesmo todo esse tempo que passou? Nem parecia, embora as marcas da tristeza e do sofrimento esculpidas em sua face denunciasses a aspereza e a inflexibilidade do tempo. Foi uma sensação diferente quando Ernesto Pacheco voltou a pisar na Ladeira das Sete Voltas, após trinta e cinco anos ausente de uma de suas maiores paixões da infância, de um dos lugares onde mais gostava de ir, de onde começou a moldar sua identidade e seu caráter. Era mesmo uma sensação diferente aquele reencontro com o Convento da Penha.

Logo nos primeiros passos da subida, afloraram à sua mente os muitos dias e horas de estudos que dedicava ao Convento na infância. As manhãs na biblioteca da escola, onde pesquisava sem parar as origens e histórias ligadas ao santuário de sua devoção. A chegada do donatário Vasco Fernandes Coutinho, em 1535; a realização dos primeiros cultos na Capela de Santa Luzia, em Vitória, a mais antiga igreja do Estado; a construção da Igreja do Rosário, em Vila Velha. Tudo isso serpenteou em sua cabeça, e foi com uma sensação de serenidade que Ernesto descobriu que sua memória, afinal, não era tão ruim assim. Ou será que era a atmosfera daquele lugar santo que contribuía para o retorno mental à tão saudosa infância? Em sua viagem à aurora de sua vida, Ernesto releu no livro de sua alma de estudante a chegada do frei franciscano espanhol Pedro Palácios, o fundador do Convento. "Santo homem", suspirou ele, ao se lembrar do milagre no navio que o trouxe ao Espírito Santo, em 1558, quando o toque do seu manto na água aplacou uma grande tempestade que atormentava os tripulantes. Além de santo, o frei era também um devotado trabalhador de Deus pois, pouco tempo após a sua chegada em Vila Velha, construiu uma capela dedicada a São Francisco de Assis, iniciou a construção da ermida de Nossa Senhora da Penha do Espírito Santo e encomendou em Lisboa a imagem de Nossa Senhora da Penha. Enquanto fazia a primeira volta da ladeira, Ernesto sur-

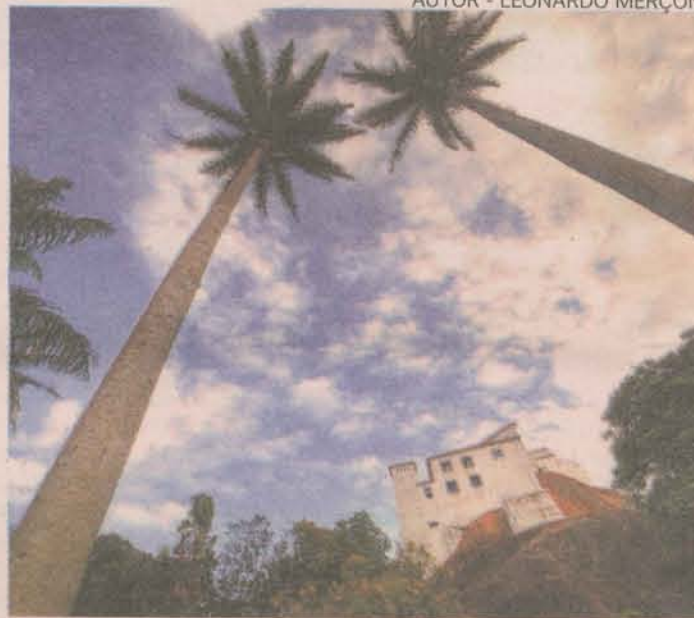
preendeu-se ao resgatar a lembrança de seus estudos sobre aquela fabulosa edificação secular no alto do morro. Embora com indisfarçável tristeza no semblante, ele encheu os pulmões de ar fresco e continuou seu caminho.

### Segunda volta: recordações

Olhar para a mata ao redor da ladeira trouxe a Ernesto muitas lembranças da infância. As correrias no quintal de casa, as férias escolares que coincidiam com as mangas maduras, a roupa meio surrada e sempre suja de criança que passa o dia brincando na rua, o aroma nirvânico do feijão sendo refogado, o cachorro vi-

ra-latas de estimação que parecia sempre feliz, as missas dominicais no Convento. A infância de Ernesto tinha sido igual à de muitos garotos, com a diferença de que, além de tudo isso, ele ainda desfrutava, e bem pertinho de sua casa, do "lugar mais lindo do mundo", seu universo particular, seu santuário. O Convento da Penha era, para ele, uma espécie de segundo lar. E um lar que ele conhecia como poucos garotos de sua idade, já que as leituras preferidas de sua meninice eram, quase todas, relacionadas à obra do frei Pedro Palácios. Na subida

da segunda volta da ladeira, Ernesto viajou até o ano de 1570, quando o santo frei foi fazer companhia a outros anjos como ele no Céu. Segundo Ernesto, não foi por acaso que a morte de Pedro Palácios aconteceu um dia depois dos festejos da Penha. Também não foi à toa que, vinte anos depois, a administração da Capela de Nossa Senhora da Penha foi entregue aos frades franciscanos, que também receberam da Governadora do Espírito Santo à época, Dona Luiza Grimaldi, a escritura de doação do Morro da Penha, no dia 6 de dezembro de 1591. Quanto mais subia, mais Ernesto se surpreendia com a súbita lembrança de todas aquelas datas e momentos históricos, o que para ele era uma prova evidente de que as coisas que aprendemos por vontade própria nunca nos abandonam. Por um instante, ao dobrar a segunda volta, seu rosto pareceu se iluminar



AUTOR - LEONARDO MERÇON

"OLHANDO PARA O CÉU". Fotografia finalista do Concurso Fotográfico Convento da Penha 450 Anos.

preendeu-se ao resgatar a lembrança de seus estudos sobre aquela fabulosa edificação secular no alto do morro. Embora com indisfarçável tristeza no semblante, ele encheu os pulmões de ar fresco e continuou seu caminho.

com a luz da serenidade.

### Terceira volta: transformação

O som dos pássaros fez Ernesto fechar os olhos e interromper a subida por alguns segundos. A impressão que teve é que eram os mesmos pássaros do seu tempo de menino, como se o simples fechar de olhos eternizasse sua infância na Ladeira das Sete Voltas. Todos os seus infundáveis estudos e leituras sobre o Convento voltaram a invadir sua mente.

Ele se lembrou que, em dezembro de 1609, os restos mortais do santo frei Pedro Palácios foram levados para o Convento de São Francisco de Vitória, por determinação do frei Lourenço de Jesus. Passaram também pela sua cabeça os anos de 1652, quando foi lançada a pedra fundamental para a construção do Convento da Penha e a doação do Governador do Rio de Janeiro, Salvador de Sá e Benevides, da escritura pública para as obras; o saque dos holandeses ao Convento, em 1653, e o término de sua construção, em 1660. Ernesto subia a ladeira viajando na história do seu monumento mais amado quando uma onda gigante limpou as lembranças de sua mente e começou a mostrar a sua decadência humana. A perda dos pais foi a pedra fundamental para o seu processo de desencanto. O amor de Rita, sua namorada e esposa, que lhe deu os filhos Ricardo e Augusto, não foi suficiente para livrá-lo do alcoolismo. Por volta dos 30 anos, Ernesto começou a se sentir diferente. Ansioso, insatisfeito, irritado. Por mais que tivesse um bom emprego, esposa e o respeito de todos os que conviviam com ele, passou a não dar valor a essas conquistas, pelas quais muita gente seria capaz de dar a vida. Assim começou sua transformação, de homem simples, feliz e pacato, em um ser quase desprezível. Por que será que isso aconteceu em sua vida? Era o que se questionava, ao fazer a terceira volta.

### Quarta volta: dor

Na quarta volta da ladeira, a cabeça de Ernesto começou a rodopiar. Parou de ouvir os pássaros, deixou de sentir o cheiro do mato molhado pelo orvalho e procurou se concentrar em suas lembranças dos registros históricos do seu Convento, numa briga interna contra as tristezas da sua vida, que resolveram assaltá-lo na sua volta ao local de sua felicidade. Lembrou-se então que, em 1750, o prédio do Convento da Penha foi ampliado e que em 1765 abrigava 23 franciscanos. Grande estudioso dos milagres dos santos, recordou-se que, em 1769, durante uma grande seca na região, os moradores e religiosos realizaram uma procissão marítima para Vitória, com a imagem de Nossa Senhora da Penha, o que ensejou o chamado "Milagre da Chuva". As presenças do padre Diogo Feijó (1842) e a visita do Imperador D. Pedro II (1860), quando de sua viagem ao Espírito Santo, reforçaram ainda mais a importância histórica do Convento da Penha para os capixabas. Como era bom recordar tudo isso, pensava Ernesto. Ele, que na sua infância se destacara na escola como um dos maiores conhecedores da história do Convento, agora travava uma batalha com a sua maturidade nada feliz, que começou a persegui-lo justamente no dia em que ele quis voltar a ser o que era. "Preciso me livrar dessa dor", era a frase que mais dizia a si mesmo ao completar a quarta volta.

### Quinta volta: o combate

Quanto mais subia a ladeira, mais Ernesto experimentava aquela sensação estranha, um movimento dentro de si que nunca havia experimentado antes. Naquela manhã de domingo, ele havia decidido voltar ao lugar da sua felicidade de criança, para ali buscar o resgate da sua dignidade. Ao começar a subida da Ladeira das Sete Voltas, espantou-se ao ver que sua memória das histórias e estudos que tanto fez nos tempos de estudante estava mais viva do que nunca. Com uma sensação inexplicável de comunhão e identidade com o monumento secular, foi desabrochando de sua alma toda a saga dos personagens que construíram aquela obra física e espiritual. Ele se lembrou, mais uma vez, que em 1881 o papa Leão XIII concedeu indulgências aos romeiros da Penha. Que a Mitra Diocesana, em 1898, passou a administrar os Conventos da Penha e de São Francisco, através de D. João Batista Correia Néri, o primeiro bispo. Lembrou-se ainda que o 2º bispo, D. Fernando de Souza Monteiro, incentivou as romarias e reformou o interior do Santuário. Que em 1912, a Santa Sé declarou e proclamou Nossa Senhora da Penha padroeira da Diocese do Espírito Santo. Que em 1917 foi inaugurada a luz elétrica no Santuário Nossa Senhora da Penha. E que, em 1918, o 3º bispo, D. Benedito

Alves de Souza, adaptou o Convento para os retiros do Clero.

Tudo isso vinha à sua cabeça como um filme muito antigo mas, ao mesmo tempo, muito vivo. Se a sua alma, pensava ele, estava conseguindo resgatar todos aqueles acontecimentos históricos há tanto tempo esquecidos, por que não resgatar também a sua vida? Por que não voltar a ser o marido exemplar e pai amoroso de outrora? Por que não voltar a sentir o respeito dos vizinhos, amigos e colegas de trabalho? Neste momento, Ernesto teve a nítida sensação de que voltar a ter tudo isso só dependia dele mesmo. Ao tomar consciência disso, ele parou sua subida. No mesmo instante, um raio de sol penetrou por entre as folhas de uma árvore e brincou de iluminar o seu rosto. Ele conseguiu sorrir para duas senhoras que, sem se importar com o chão de pedras da ladeira, subiam alegres e devotadas pela quinta das sete voltas. Ernesto olhou para cima, inspirou aquele ar cheio de frescor e pureza e, sem conseguir se controlar, chorou como um menino.

### Sexta volta: fé

Com um semblante radiante e pleno de luz, Ernesto começou a subir a sexta volta da ladeira. A cada passo, um grande peso parecia sair de sua alma. O reencontro com o seu Convento parecia estar sendo também um reencontro com o que sempre houve de mais puro em sua alma. Naquele instante, ele sentiu um ódio mortal pela sua vida atual. Pelo álcool. Pelas humilhações a que havia submetido esposa e filhos. Pelos desregramentos de toda natureza aos quais estava refém até esta manhã de domingo. Pelo bom homem que ele havia deixado escapar de dentro de si. Ao olhar para a paisagem ao seu redor, o filme de sua infância de estudos sobre o Convento voltou ainda mais forte à sua mente. O início do processo de devolução do Santuário de Nossa Senhora da Penha aos franciscanos, com frei Luis de Wand tomando posse como primeiro superior no dia primeiro de fevereiro de 1942. O tombamento do Convento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1943. Sua restauração, por André Carloni, em 1945. A entrega definitiva do Santuário e do Convento de Nossa Senhora da Penha aos franciscanos, em 1955. As comemorações do IV Centenário da chegada de frei Pedro Palácios, em 1958. O início da Romaria das Mulheres, em 1970.

Quanto mais as lembranças históricas voltavam, mais Ernesto se emocionava. Ele sentia, no seu íntimo, que a sua fé também estava voltando, através daquela emocionante viagem ao passado do Convento e ao seu próprio passado. Um sentimento balsâmico de humildade invadiu-lhe a alma. Como numa iluminação mística, no meio da sexta volta da ladeira, ele decidiu voltar a ser o que era. E sentiu que teria forças para isso. Porque na sexta volta, graças à presença física e às lembranças do Convento da Penha, a fé havia se reinstalado em seu coração.

Quanto mais as lembranças históricas voltavam, mais Ernesto se emocionava. Ele sentia, no seu íntimo, que a sua fé também estava voltando, através daquela emocionante viagem ao passado do Convento e ao seu próprio passado. Um sentimento balsâmico de humildade invadiu-lhe a alma. Como numa iluminação mística, no meio da sexta volta da ladeira, ele decidiu voltar a ser o que era. E sentiu que teria forças para isso. Porque na sexta volta, graças à presença física e às lembranças do Convento da Penha, a fé havia se reinstalado em seu coração.

### Sétima volta: identidade

Como foi leve a subida da sétima volta da ladeira! Ernesto parecia o menino de anos atrás, cheio de vigor, renovado, vislumbrando um novo horizonte em sua vida. O final de sua subida ao Convento pela Ladeira das Sete Voltas coincidia com o final da sua viagem histórica pelo monumento tão amado. Sua cabeça agora fervilhava de novas idéias, desejos e promessas. E foi nesse turbilhão de energias que ele enxergou a identidade do Convento com a sua vida e a vida do Espírito Santo. O menino Ernesto, a capitania hereditária e o início da construção se interligavam. O vigor da colônia imperial, sua adolescência cheia de esperanças e planos e o crescimento do monumento andavam juntos. Sua juventude, o crescimento do Estado e a consolidação do Convento eram três faces do mesmo prisma. Seus problemas pessoais se juntaram aos percalços do Estado e às dificuldades de administração da morada da padroeira dos capixabas. Ernesto via agora, com clareza, uma história de fé e identidade entre ele, o Convento da Penha e o Espírito Santo. Três personagens, três histórias, três destinos unidos por um mesmo laço. Ao vislumbrar essas coisas, sentiu-se humilde e feliz. Uma nova vida estava começando para ele, assim como para o Espírito Santo e o próprio Convento da Penha, no alvorecer dos seus 450 anos. Com muita leveza no espírito, ele viu e compreendeu a beleza dessas três histórias, a interdependência entre elas, a luta contínua pela vida e pelo caminho da evolução. Ernesto, Convento da Penha e Espírito Santo. Naquele momento, eles eram um.

Cansado e feliz, o pequeno herói dessa história chegou a tempo de ver o início da missa de domingo. Naquela manhã, orou como nunca. Sorriu à toa. Na comunhão, sentiu que estava nascendo de novo, assim como renasceu o Espírito Santo, ambos abençoados pela luz secular do Convento da Penha.

AUTOR - HERBERTO EDUARDO MELO VELTEM



"A VISITA DO CONGO".

Fotografia finalista do Concurso Fotográfico Convento da Penha 450 Anos.

# Sensibilidade na hora de fotografar

Flávia Fernandes

**A** arte de fotografar exige sensibilidade e alguns cuidados técnicos. Unindo esses ingredientes ao talento dos vencedores do concurso fotográfico sobre os 450 anos do Convento da Penha, a fotografia registrou momentos que ganham novas cores quando o tema envolve, fé, história e identidade do Espírito Santo.

Naio Rezende Nunes, 18 anos, morador de Vila Velha, ficou em primeiro lugar com a foto "A Promessa", que retratou o esforço e sofrimento dos fiéis ao cumprirem suas promessas à padroeira Nossa Senhora da Penha.

## FUGA DOS PADRÕES

"Tentei fugir do padrão comum das fotos sobre o Convento da Penha. Veja que ao fundo da foto encontram-se as placas que os fiéis colocam no Convento devido aos seus pedidos atendidos", detalhou Naio, que é autodidata em fotografia.

"Pretendo iniciar o curso de fotografia este ano na UVV. O que me ajudou a fazer a foto, na verdade, foi o meu trabalho no estúdio fotográfico de Arnaldo Peruzzo, que sempre me incentivou", contou o primeiro colocado.

Para fazer a foto vencedora, Naio Nunes utilizou uma máquina semi-profissional da Nikon.

## INSPIRAÇÃO

O segundo colocado, Rodri-



Leonardo Merçon, Naio Rezende Nunes e Rodrigo Scalfoni Gavina ganharam o concurso de fotografia

go Scalfoni Gavina, de 21 anos, morador de Vitória, juntou a identidade, a fé, a história e a originalidade para fazer a fotografia intitulada "Onde as histórias se encontram. Um local de fé".

Uma mulher idosa, com um terço na mão e com fitinhas de Nossa Senhora da Penha nas cores da bandeira do Espírito Santo determinou características da fé

à padroeira do Estado.

Rodrigo, que é estudante do sexto período de odontologia na Ufes, tem a fotografia como prática nas horas de lazer. "No curso uso a fotografia para questões de estética dentária", informou o segundo colocado.

No entanto, a fotografia tem um motivo a mais na vida do estudante. "Tenho três fotos publicadas: uma numa revista e duas

em dois sites especializados em fotografia", informou Rodrigo, que utilizou uma máquina digital compacta para fazer a foto premiada.

## CONVENTO E NATUREZA

O terceiro colocado, Leonardo Merçon, de 26 anos, morador de Vitória, é estudante de Desenho Industrial na Ufes. "Pretendo seguir a carreira de fotógrafo

e, no momento, estou desenvolvendo um livro de fotografia sobre o Parque Estadual Paulo Cesar Vinha, com apoio do Iema".

Na foto premiada, intitulada "Céu Dourado", Leonardo enfatizou o contraste entre o Convento e a natureza que o cerca. Para tal, o estudante utilizou uma grande-angular para obter efeito especial.

"Consegui registrar a imponência do Convento perante a natureza e a cidade. A premiação é um estímulo para que eu continue meu trabalho fotográfico", disse Leonardo Merçon, que utilizou uma máquina semi-profissional para realizar sua foto.

Naio Rezende Nunes, 18 anos, morador de Vila Velha (Primeiro lugar): "Eu estava em Santa Catarina e vim para Vitória só para participar do concurso. Preferi retratar o pagamento de promessas e todo o seu sofrimento".

Rodrigo Scalfoni Gavina, de 21 anos, morador de Vitória e estudante de odontologia da Ufes: "A importância desse concurso é o incentivo para a descoberta de novos talentos. Talentos esses que se interessam pela história do Espírito Santo".

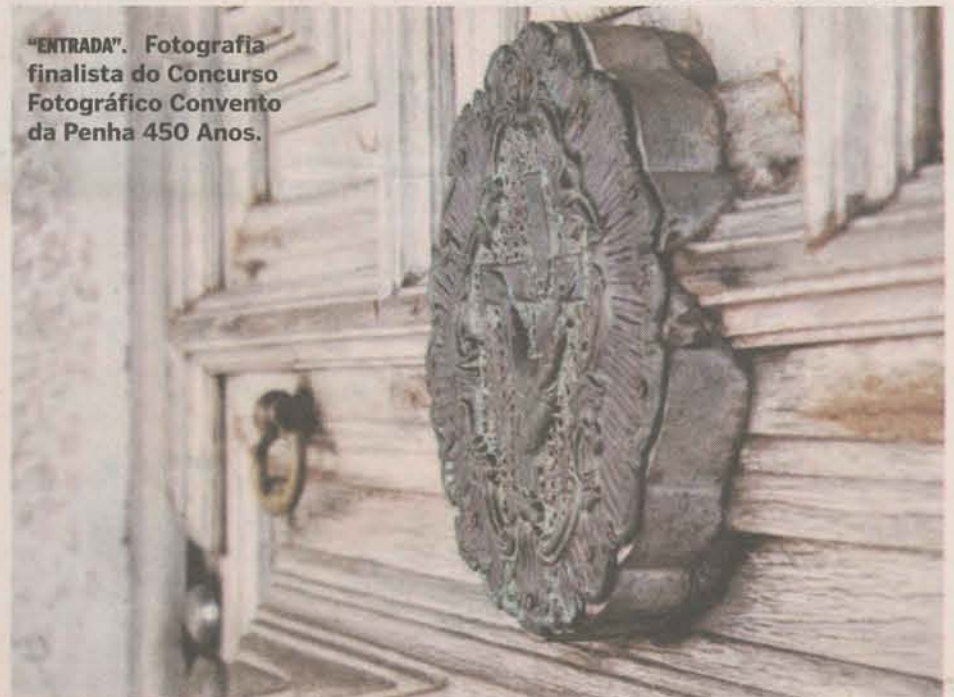
Leonardo Merçon, de 26 anos, morador de Vitória e estudante de Desenho Industrial na Ufes: "O prêmio é um estímulo para que eu me aprimore na fotografia, profissão que pretendo seguir".

AUTOR - EMANOEL BEZERRA DE MENEZES



"HÁ ESPAÇO PARA TODOS". Fotografia finalista do Concurso Fotográfico Convento da Penha 450 Anos.

AUTOR - MÔNICA ZAMPROGNO CORTELETTI



"ENTRADA". Fotografia finalista do Concurso Fotográfico Convento da Penha 450 Anos.

AJ01525 - 12



Patrocínio Master:

Secretaria  
de Turismo



Patrocínio:



Mais prazer na sua vida.



Iniciativa:

